

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Departamento de Arquitetura e Urbanismo**

**Eduardo Gomes Florencio Monteiro Santos**

**PROJETO ARQUITETÔNICO POLÍTICO:**

**Cinema de rua no CECAP**

**Taubaté - SP**

**Eduardo Gomes Florencio Monteiro Santos**

**PROJETO ARQUITETÔNICO POLÍTICO:**

**Cinema de rua no CECAP**

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Arquiteto e Urbanista, sob orientação do Prof. Dr/Me. Benedito Assagra Ribas de Mello.

**UNITAU**

**2018**

**Ficha catalográfica elaborada pelo  
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

S237p Santos, Eduardo Gomes Florencio Monteiro  
Projeto arquitetônico político: cinema de rua no Cecap. / Eduardo  
Gomes Florencio Monteiro Santos. - 2018.  
42f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de  
Arquitetura e Urbanismo.  
Orientação: Prof. Me.Benedito Assagra Ribas de Mello. Departamento  
de Arquitetura.

1. Cinema. 2. Planejamento urbano. 3. Cidade para pessoas. 4.  
Cecap. I. Título.

CDD – 791.43

Elaborada pela Bibliotecária (a) Angelita dos Santos Magalhães – CRB-8/6319

## **Agradecimentos**

Nesses longos cinco anos conheci muitas pessoas que marcaram minha passagem pela academia, agradeço profundamente as amizades que colhi, em especial, João, Zé, Vitor, Caio, Adriano, Penedo, entre outras tantas que espero manter ao longo da vida.

Além do agradecimento para todos os professores pelo seu tempo cedido para ensinar, sem eles a academia não teria utilidade alguma, em especial para meu orientador, Benedito Assagra Ribas de Mello, por ter me ajudado neste trabalho e por me inspirar pelo seu intelecto, senso crítico e vasto conhecimento.

## RESUMO

PROJETO ARQUITETÔNICO POLÍTICO: Cinema de rua no Cecap

Eduardo Gomes Florencio Monteiro Santos

Orientador: Professor Ms. Benedito Assagra Ribas de Mello

Este projeto buscou compreender a história, função e atual desempenho dos cinemas de rua – edificações dedicadas exclusivamente a exibição de filmes – nas cidades brasileiras, e projetar no município de Taubaté. Primeiramente, procurou-se bibliografias e autores que abordam a escala humana e a importância da cidade humanizada, relatórios e dados estatísticos mercado audiovisual no Brasil. Buscou-se também estudos de caso de antigos cinemas de rua ainda em funcionamento, reformados ou não, como no caso do Cine Santa em Santa Teresa. A partir dessa leitura, escolheu-se o bairro do Cecap como implantação do projeto, pela sua promissora densidade populacional, propiciando um mercado cultural para aquela localidade, e também pela vulnerabilidade do bairro, isto é, usando o cinema de forma política para transformação social, e a arquitetura uma ferramenta para tal fim.

**Palavras chaves:** Cinema de rua, Cultura, Cecap.

## **ABSTRACT**

POLITICAL ARCHITECTURAL PROJECT: Street Cinema in Cecap

Eduardo Gomes Florencio Monteiro Santos

Professor Ms. Benedito Assagra Ribas de Mello

This project aimed to understand the history, function and current performance of the street cinemas - buildings dedicated exclusively to the exhibition of films - in Brazilian cities, and to design in the municipality of Taubaté. First, we searched for bibliographies and authors that address the human scale and the importance of the humanized city, reports and statistical data in the audiovisual market in Brazil. We also looked for case studies of old street cinemas still in operation, reformed or not, as in the case of Cine Santa in Santa Teresa. Based on this reading, the Cecap neighborhood was chosen as the implantation of the project, for its promising population density, providing a cultural market for that locality, and also for the vulnerability of the neighborhood, that is, using the cinema in a political way for social transformation, and architecture is a tool for this purpose.

**Keywords:** Street Cinema, Culture, Cecap.

## Lista de Figuras

Fig. 1 Tabela de locais de funcionamento das salas de exibição entre 2010 e 2015. (Fonte: Informe de acompanhamento de mercado da ANCINE, 2015).....	20
Fig. 2: Foto Cine Santa. (Fonte: <a href="http://travelexperiencesreginahelena.blogspot.com.br">travelexperiencesreginahelena.blogspot.com.br</a> ) ...	22
Fig. 3: Foto cinema multiplex Pathé, Maastricht, Países Baixos. (Fonte: Ronald Tilleman/Archdaily) .....	24
Fig. 4: Implantação cinema multiplex Pathé, Maastricht, Países Baixos. (Fonte: Archdaily) .....	25
Fig. 5: Distância do bairro do Cecap em relação aos dois shoppings da cidade de Taubaté. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018) .....	26
Fig. 6: Em laranja, os conjuntos habitacionais presentes no bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018).....	27
Fig. 7: Em azul as escolas, em roxo os postos de saúde presentes no bairro (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018) .....	28
Fig. 8: O bairro do Cecap demarcado no mapa em laranja, entre as três vias. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018) .....	29
Fig. 9: Em vermelho, o terreno localizado no coração do bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018) .....	30
Fig. 10: Delimitado em vermelho, o terreno escolhido, que faz parte do conjunto de praças que cortam os quarteirões do bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018).....	31
Fig. 11: Diagrama ilustrativo da implantação do projeto no terreno.....	32
Fig. 12: Implantação .....	33
Fig. 13: Planta Subsolo .....	34
Fig. 14: Corte Longitudinal .....	35



# Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 Objetivo .....	10
1.1.1 Objetivos Gerais .....	10
1.1.2Objetivos Específicos.....	10
1.2 Justificativa .....	10
1.3 Metodologia da Pesquisa .....	10
<b>2 DIRETRIZES PROJETUAIS .....</b>	<b>11</b>
2.1 Caracterização do tema.....	11
2.1.1 A importância dos espaços públicos .....	11
2.1.2 Escolha do tema .....	14
2.1.3 História dos cinemas de rua no Brasil.....	15
2.1.4 Contexto Atual .....	20
2.2 Referências Projetuais.....	22
2.2.1 Cine Santa.....	22
2.2.2 Cinemas Pathé .....	24
2.3 Área de Intervenção.....	25
2.4 Contexto do Bairro .....	27
<b>3 PROJETO .....</b>	<b>30</b>
3.1 Terreno.....	30
3.2 Conceito e Implantação .....	31
<b>4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>

# **1 Introdução**

## **1.1 Objetivo**

### **1.1.1 Objetivos Gerais**

Essa trabalho pesquisou o papel de um cinema de rua – edificação dedicada exclusivamente a exibição de filmes – nas cidades, seu atual desempenho no mercado audiovisual, para então, elaborar um projeto de arquitetura em um bairro no perímetro periférico do município de Taubaté.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

Procurando resgatar a cultura de frequentar o cinema, e utilizar a cultura como um instrumento político para a desigualdade social brasileira, este trabalho propõe através de um projeto de arquitetura, uma alternativa cultural e mercadológica como modelo para bairros periféricos e sujeitos a vulnerabilidade social.

## **1.2 Justificativa**

Insatisfeito com a realidade desigual da sociedade brasileira, o autor deste trabalho não vê sentido na arquitetura senão uma função social e política, e como grande apreciador do cinema, o autor propõe o projeto de um cinema de rua para um bairro vulnerável e carente de equipamentos culturais, utilizando a arquitetura como meio e a cultura como um fim.

## **1.3 Metodologia de Pesquisa**

Foi pesquisado a história dos cinemas de rua e seu atual desempenho no mercado de exibição de filmes no Brasil, depois, consultada uma bibliografia relacionada a humanização das cidades e a função democrática da arquitetura. A partir disso, o autor escolheu o bairro do Cecap, no município de Taubaté, pela sua localização periférica, contexto social e carência de equipamentos públicos.

## 2 Diretrizes Projetuais

### 2.1 Caracterização do Tema

#### 2.1.1 A Importância Dos Espaços Públicos Na Cidade

Durante a pesquisa, o autor deste trabalho foi percebendo a importância que os espaços públicos possuem na cidade, desde as cidades da antiguidade quanto nas contemporâneas. Os espaços públicos são parte vital de uma cidade do ponto de vista cultural, econômico, demográfico e social, desde a revolução agrícola em que o homem passa a viver em sociedade, os espaços públicos constituíram função primordial na composição do que chamamos de cidade, desde as *polis*, onde os teatros gregos reuniam milhares para entreter-se, os espaços de convivência comum definiam o caráter de cidade, em *A sedução do lugar*, Joseph Rywert retrata a opinião de Pausânias sobre o que é uma cidade:

Pausânias, o viajante que escreveu um guia do mundo grego no final do século II d.C., deixa claro o que uma cidade não é [...] [...] não são casas e as muralhas, mas os espaços públicos e a presença física das instituições que elevam uma aglomeração urbana ao status de cidade, de polis. (RYKWERT, 2001, p. 20).

Camillo Sitte em seu livro *A Construção da Cidade Segundo Seus Princípios Artísticos*, também destaca a importância dos espaços públicos para as cidades na Antiguidade.

Nas cidades antigas, as praças principais eram de uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez de praças abertas. (SITTE, 1992, p. 17)

Se no período antigo os espaços públicos possuíam tamanha importância, na

Idade Média e no Renascimento não era diferente, os espaços públicos também eram protagonistas da vida urbana, principalmente nas comunas italianas onde as *piazzas* constituíam parte vital da sociabilidade, economia e até política da cidade.

Na Idade Média e na Renascença, essas praças ricamente adornadas eram orgulho e alegria de toda cidade independente; aqui, concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizavam-se as exposições, empreendiam-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes. (SITTE, 1992, p. 25)

No entanto, chegou a Revolução Industrial e começou um processo de diversas mudanças sociais e econômicas pelos países que passavam por esse processo, o processo de produção se transformou em escala industrial, barateou-se o custo de produção, diversos produtores migram para a cidade e deixam o campo, a medicina desenvolve-se e as pessoas vivem mais, melhoram-se as condições de vida, as cidades começam a sentir as mudanças da Revolução Industrial. A migração da população rural para as cidades é enorme, e continuou-se assim ao longo dos séculos XIX e XX e suas perspectivas também. Richard Rogers descreve em seu livro *Cidades para um pequeno planeta*:

Em 1900 apenas um décimo da população mundial vivia em cidades. Hoje, pela primeira vez na história, metade de toda a população mundial vive em cidades e num prazo de 30 anos, esta proporção poderá atingir até três quartos dos habitantes do planeta. (ROGERS, 2001, p. 4)

Com um grande aumento na população urbana, o espaço público ganhou mais importância na vida cotidiana, a rua passou a ser essencial na vida das pessoas, apenas não era reconhecida com tamanha importância, parece que, com a invenção

da TV e do automóvel, estimulou-se o sedentarismo, as pessoas não queriam permanecer nas ruas, surgiu problemas como congestionamento, e as ruas passaram a ser observadas meramente como vias de deslocamento, lugares para ir de um lugar a outro e não de permanência. Para os modernistas as ruas não faziam parte do quesito social, agora faziam parte do deslocamento dos milhares de habitantes das cidades, talvez como um meio de estancar o problema da superpopulação que ainda atinge as cidades hoje.

“Ele [Le corbusier] procurou fazer do planejamento para automóveis um elemento essencial de seu projeto.” (JACOBS, 2000, p. 23)

Provavelmente por esses problemas terem surgidos que os modernistas viram em suas ideologias futuristas um método experimental mas que na verdade desviava seus olhares dos problemas graves nas cidades, a vida nas cidades. Jane Jacobs, ataca a visão dos planejadores urbanos e modernistas em seu livro *Morte e vida das grandes cidades*.

Meu ataque não se baseia em tergiversações sobre métodos de reurbanização ou minúcias sobre modismos em projetos. Mais que isso, é uma ofensiva contra os princípios e os objetivos que moldaram o planejamento urbano e a reurbanização modernos e ortodoxos. (JACOBS, 2000, p. 1)

A autora em seu livro, além de criticar toda a visão modernista do planejamento urbano e seus precursores, mostra uma visão diferente da que os planejadores e urbanistas têm sobre a cidade, especialmente seus espaços públicos, destacando a importância das ruas para a cidade e o relacionamento entre a comunidade dos bairros e distritos.

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão

relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades. (JACOBS, 2000, pág 29)

O livro influenciou grande parte dos urbanistas contemporâneos, afinal, Jane Jacobs evidencia a importância da rua para a cidade, um espaço público que ultrapassa a simples função de mobilidade ou deslocamento, uma de suas principais funções é a segurança.

“Manter a segurança urbana é uma função fundamental das ruas das cidades e suas calçadas.” (JACOBS, 2000, p. 30)

As argumentações de Jane Jacobs era de que, as ruas e seu uso diversificado proporcionavam a quem transitava por ela (moradores daquela rua e também quem apenas estava de passagem) segurança e desenvolvimento socioeconômico, de que tais ruas, eram responsáveis pelas conexões entre seus moradores, logo, com bons relacionamentos as ruas, bairros e distritos, se fortaleciam.

“Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.” (JACOBS, 2000, p.30)

As inter-relações que permitem o funcionamento de um distrito como uma entidade não são nem vagas nem misteriosas. Consistem em relacionamentos vivos entre pessoas específicas muitas delas sem nada em comum a não ser o fato de utilizarem o mesmo espaço geográfico. (JACOBS, 2000, p. 146)

### **2.1.2 Escolha do Tema**

Jan Gehl, arquiteto, urbanista publicou em 2010 seu livro de maior destaque, *Cidades para pessoas*, onde consegue resumir técnicas, exemplos e conceitos de como pensar a cidade na escala humana, e escreve logo em suas primeiras páginas, que tal pensamento foi sendo difundido entre os arquitetos e pesquisadores da área

do planejamento urbano desde a data da publicação do livro de Jane Jacobs.

Nas cinco décadas desde 1961, muitos pesquisadores e teóricos do planejamento urbano contribuíram para os estudo e argumento nessa discussão da vida ou morte nas cidades. (GEHL, 2013, p. 4)

Inspirado nesse movimento de humanização das cidades, iniciados após Jane Jacobs escrever seu livro em 1961 e hoje liderados por diversos arquitetos, urbanistas e escritórios de planejamento urbano pelo mundo, o autor deste trabalho buscou algum tipo de projeto que possa trabalhar com as relações do bairro mas que também seja de alguma forma, pertinente para os moradores do local a ser trabalhado e viável economicamente.

### **2.1.3 História Dos Cinemas De Rua No Brasil**

Com a invenção do cinema no final do século XIX as cidades brasileiras em pleno processo industrial, encontrariam para sua numerosa população urbana um lugar de entretenimento, impondo cada vez mais o caráter urbano as cidades que expandiam-se com a economia do café.

Será a partir de 1900 que a atividade passará ser mais frequente e ocupar um local fixo, em salões, cafés e teatros, que ao abrigar a atividade cinematográfica, passavam a se chamar cine-teatros, como é o caso do cine-teatro Colombo, no Brás. (SANTORO, 2004, p. 6)

No Rio de Janeiro por exemplo, a chegada da eletricidade foi um fator essencial para a consolidação dos cinematographos – chamados até então as salas de cinema adaptadas – e outros equipamentos que abriram a possibilidade de uma vida noturna na cidade.

A abertura da Avenida Central em 1904 e a chegada da eletricidade – um ano mais tarde – incetivavam a ampliação de espaços de vida noturna e a criação de locais para projeção de imagens em movimento. (SOUSA, 2009, p. 5)

Foram ficando populares nas principais cidades e ganhando público, os cinemas de rua conquistaram a população brasileira em poucos anos, inicialmente interessava-se a elite, principalmente a paulista, que via a chegada do cinema como mais um sinal de progresso do processo de urbanização, na tentativa de afastar o caráter rural da cidade de São Paulo que expandia-se, consolidando o aspecto de cidade civilizada, cosmopolita.

“O cinema é a atividade e, portanto, o equipamento necessário ao programa urbano para a metrópole industrial, a metrópole do modo de vida cosmopolita.” (SANTORO, 2004, p. 17)

No caso de São Paulo, as salas de cinema ora pareciam servir como cenário urbano que representasse a cidade civilizada, a cidade do progresso, distanciando-se do rural, principalmente nas primeiras duas décadas do século XX. (SANTORO, 2004, p. 2)

Nos anos 40 em diante, houve uma expansão acelerada das cidades brasileiras, principalmente no eixo Rio-São Paulo, graças a economia do café e a chegada da indústria que empregava muitos dos habitantes. As cidades expandiam e exigiam equipamentos urbanos de entretenimento adequados aos cidadãos, que demandavam o lazer da vida urbana, os cinemas de rua tinham essa função de entreter e levar as pessoas até as ruas, na década de 50, os cinemas expandiam junto as cidades, espalhando-se por elas.

Em termos urbanísticos, pode-se dizer que as décadas de 40 e 50 representam um espraiamento da mancha urbana e dispersão das

salas de cinema. Ir ao cinema era uma atividade habitual, quase familiar. Os cinemas nos bairros eram salas geralmente menos badaladas que as do Centro, mas não necessariamente menores, com o ingresso mais barato. (SANTORO, 2004, p. 12)

Os cinemas eram atividade favorita da população, pelo menos segundo pesquisas feitas pelos jornais da época, era uma atividade que, ao contrário do futebol que atraía na maioria homens, era a favorita entre homens e mulheres de todas as idades.

Durante os mais de trinta anos, o cinema reinou absoluto em São Paulo enquanto forma de recreação coletiva, atraindo crianças, jovens, homens, mulheres e velhos indistintamente. Nem mesmo a inauguração do Pacaembu, em 1940, causou algum efeito maior, pois ainda que se realizassem ali grandes espetáculos do “esporte das multidões”, tratava-se de um programa exclusivamente masculino. Enquanto isso o cinema era para todos, formando uma massa crescente de aficionados que tinham à disposição um número cada vez maior de salas e até uma região nobre ou “chic” no centro da cidade – a Cinelândia – cenário apropriado para o desfilarm da elegância paulistana. (SIMÕES, 1990, p. 10)

Com tal popularidade os cinemas exigiam espaços mais adequados para a atividade de exibir, até a década de 20 a maioria dos cinemas eram adaptados em outros edifícios que tinham outro cunho comercial. Com essa popularidade os cinemas a partir da década de 40 já tinham seu próprio espaço de exibição, eram abertos em vários bairros da cidade e não exclusivamente no Centro.

Em São Paulo, o número de salas de cinema mais que triplicou na década de 50, reverberando na distribuição desses equipamentos na cidade que espalhava-se. As salas de exibição estavam em vários bairros, o cinema estabelecia-se como

equipamento cotidiano da população paulista, e nas grandes capitais brasileiras também.

E na década de 50, o número de salas inauguradas triplicou, com 154 salas inauguradas, mostrando dinâmica crescente de abertura de salas na cidade de São Paulo. (SANTORO, 2004, p.11)

Muitos pesquisadores apontam a década de 50 como o início do declínio dos cinemas de rua, geralmente devido ao surgimento da televisão. De fato, o surgimento da televisão contribuiu para a redução do público dos cinemas, mas não deve-se atribuir exclusivamente a televisão como fator de declínio dos cinemas de rua nas cidades.

A partir dos anos 1950, e ao longo das décadas subsequentes, a presença cada vez mais marcante da televisão no cotidiano da população, a entrada em cena do videocassete e das TVs por assinatura fez com que o público de cinema reduzisse drasticamente. (SOUSA, 2009, p. 6)

Não só a televisão, mas outros fatores influenciaram no declínio do público dos cinemas, a televisão na verdade só contribuiu para uma tendência sedentarista que a sociedade brasileira se encontrava, afinal nossas cidades expandiam-se e um novo modo de vida mais urbano havia se consolidado, assim como novos problemas econômicos e sociais.

O artigo de *O Estado de São Paulo* [em 1965] arrola algumas razões para o abandono do cinema, entre elas as dificuldades de transporte, de estacionamento, além das vantagens de se permanecer em casa: conforto, ausência de filas, possibilidade de escolher os programas distribuídos por cinco canais em funcionamento, a cervejinha na geladeira etc. (SIMÕES, 1990, p. 110)

Apesar de demonstrar-se o início de um declínio no público das salas de cinema, os cinemas estavam espalhados pela cidade e não concentrados no shopping centers, faziam parte do cotidiano da população, a maioria dos bairros usufruía de pelo menos um cinema de rua. Nos anos 60 percebe-se o ápice da função do cinema na cidade.

“Em 1960, o perfil geral do circuito ainda mantém suas características. A maior parte dos cinemas (125) está nos bairros, enquanto 36 se localizam no centro.” (SIMÕES, 1990, p. 106)

A multiplicação dos cineclubes, o aumento do contingente universitário, o papel irradiador da Cinemateca, enfim, a agitação cultural dos anos 60 (em que o Cinema Novo é expressão destacada), contribuem para a formação de um público diferenciado – de extrato universitário geralmente – que demonstra alguma intimidade com a linguagem cinematográfica e se propõe a discutir o próprio papel do cinema na vida cultural do país. (SIMÕES, 1990, p.128)

Nos anos 80 pode ser considerado como os piores anos para os cinemas de rua nas cidades, o número do público caíram drasticamente e conseqüentemente o número de salas também, ao longo das décadas não foi diferente, nos anos 90 foi apenas uma continuação do que acontecera na década anterior. Os cinemas resistiam aos desafios da economia, da televisão e do VHS.

“Em meados da década de 1980 teve início o processo de desaparecimento das salas de exibição cinematográfica das ruas do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo.” (SOUSA, 2009, p. 6)

Outro fator bastante relevante que influenciou ao fechamento dos cinemas de rua foi o surgimento dos shoppings centers, centros de consumo e serviços que supriam as necessidades de consumo da população brasileira, e com a violência que era transmitida agora pela televisão, segurança se tornou um fator determinante para a migração dos cinemas para os shoppings centers, que além dos serviços, da

segurança, também dispunham de estacionamentos, que facilitava o acesso de todos ao shopping após a popularização do carro.

Nesses anos em que, definitivamente, os cinemas de rua começaram a fechar maciçamente suas portas, houve uma migração das salas para os novos shoppings que estavam sendo construídos nos centros urbanos, que por sua vez eram decorrência de uma profunda modificação dos hábitos de consumo por parte da população brasileira. (ALMEIDA; BUTCHER, 2003, p. 54-59).

#### 2.1.4 Contexto Atual

No século XXI, os cinemas de rua que restaram foram apenas nas grandes capitais e em pouquíssimos números, em algumas cidades só restam apenas um, como o caso do Cine São Luiz, no Recife, que resiste até hoje e comporta um dos mais importantes festivais de cinema do Brasil, o CinePE.

O fato é, o quadro geral é de declínio irregular nos últimos cinco anos, com perspectivas negativas para os cinemas. Segundo uma matéria do jornal Zero Hora em 2014, o maior desafio dos cinemas de rua é o chamado processo de digitalização.

Fato também abordado no Informe de acompanhamento de mercado da ANCINE sobre o mercado de exibição no Brasil em 2015, em que 20,31% dos cinemas de rua fecharam enquanto aumentou em 48% o cinemas concentrados em shoppings centers.

Tabela 8 - Local de Funcionamento das Salas de Exibição - 2010 a 2015

Localização	Salas por ano						Participação 2015	Evolução 2010 a 2015
	2010	2011	2012	2013	2014	2015		
Shopping Centers	1.822	2.002	2.177	2.343	2.488	2.699	89,82%	48,13%
Cinema de rua	384	350	340	335	345	306	10,18%	-20,31%
<b>Total</b>	<b>2.206</b>	<b>2.352</b>	<b>2.517</b>	<b>2.678</b>	<b>2.833</b>	<b>3.005</b>	<b>100,00%</b>	<b>36,22%</b>

Fig. 1 Tabela de locais de funcionamento das salas de exibição entre 2010 e 2015. (Fonte:

## **Informe de acompanhamento de mercado da ANCINE, 2015)**

Nesse processo, se reinventam para adaptarem-se ao mercado de exibição, uma das mudanças adotadas pelos cinemas de rua foi adotar a característica multiplex, isto é, mais de uma sala de exibição por cinema.

O final do século passado assiste o surgimento de um novo cinema de rua. Parece que o cinema que hoje nasce ou renasce na rua teve que se render à fórmula do multiplex. (SOUSA, 2009, p. 8)

Hoje, os cinemas de rua ainda em atividade estão em sua grande maioria nas grandes capitais, e funcionam através da iniciativa privada de grandes empresas ou do fomento fornecido pelo Estado, devido ao fato de grandes produtoras de hollywood não produzirem mais filmes em película, só em formato digital, muitos cinema se encontram obsoletos e impedidos de comprar projetores digitais, e sem grandes produções americanas – principal demanda dos usuários em geral – os cinemas não são capazes de exibir novos filmes e acabam sem lançamentos.

Um exemplo da iniciativa do estado pode ser verificado numa matéria do jornal O Globo publicado em 2014, onde os cinemas de rua da capital recebem um apoio da RioFilme, uma distribuidora do município que financia os novos projetores em troca de cotas para filmes brasileiros, uma estratégia encontrada para manter os cinema e promover o cinema nacional.

Saiu o resultado do Edital de Digitalização de cinemas da RioFilme. Foram contemplados Cine Joia, Estação Botafogo, Ponto Cine, Cine Santa Teresa e Cine Star Laura Alvim. Cada um vai receber financiamento de R\$ 200 mil para digitalizar suas salas e, em contrapartida, deve exibir nos dois anos seguintes à assinatura do contrato uma cota de filmes nacionais. (O GLOBO, Cinemas terão digitalização financiada em troca de filmes nacionais, 2014.)

## 2.2 Referências Projetuais

O foco das referências projetuais eram cinemas de rua em atividade, desde salas de exibição antigas que reabriram após reformas até complexos cinematográficos que fazem parte de um projeto de maior escala. Projetos que apontassem diretrizes e estratégias que as salas de exibição independente tomam para sobreviver ou sobressair no mercado de exibição no Brasil e no mundo. Com o objetivo de encontrar técnicas arquitetônicas e econômicas que favoreçam um projeto de cinema de rua a ser elaborado na próxima etapa do Trabalho de Graduação.

### 2.2.1 CineSanta

O Cine Santa é um cinema de rua no bairro de Santa Teresa na cidade do Rio de Janeiro, reaberto a poucos anos após reformas e investimentos do GrupoCasal, um casal de empresários que administram outros cinemas de rua na capital carioca, o Cine Museu da República, localizado no Catete e o Cândido Mendes em Ipanema.

O Cine Santa foi escolhido pelo seu contexto no mercado de exibição no Brasil, sua implantação na cidade do Rio de Janeiro e suas estratégias econômicas.



Fig. 2: Foto Cine Santa. (Fonte: [travelexperiencesreginahelena.blogspot.com.br](http://travelexperiencesreginahelena.blogspot.com.br))

O cinema em Santa Teresa foi sob gestão anterior, por quatro anos consecutivos

(2007 a 2011) vencedor do prêmio “Maior Exibidor de Cinema Brasileiro no País”, entregue pela Ancine, devido a sua diversa programação voltada para um cinema alternativo e que priorizava filmes nacionais, tal característica é mantida até hoje no Cine Santa sob a atual gestão. Para o autor desta pesquisa, essa prioridade por produções audiovisuais nacionais no cinema de rua, pode ser um fator decisivo na caracterização de centro cultural no local a ser implantado, onde a cultura cinematográfica terá prioridade sob o circuito comercial, mas não exclusivo, aderindo à demanda do público local.

O bairro de Santa Teresa é muito característico, habitado por uma classe mista entre a média e média alta, possui uma das mais antigas associações de moradores do Rio de Janeiro, fator essencial para um fortalecimento da comunidade local. O Cine Santa encaixa-se bem neste contexto devido ao fortalecimento do bairro.

Uma das estratégias econômicas do cinema de rua de Santa Teresa é descontando o preço da comunidade local, dos quase 50 mil habitantes do bairro, pelo menos 11 mil fazem parte do “Clube dos Amigos do Cine Santa” que pagam metade do valor cobrado pelo ingresso.

Quando abrimos a sala, 80% dos frequentadores eram moradores e o restante, visitantes. Antes das obras, o número de ingressos vendidos para habitantes de Santa já era menor, algo como 65%. Agora, com a sala mais profissionalizada, esperamos aumentar o número de pessoas de fora, mas a nossa intenção maior sempre foi de prestigiar quem vive no bairro, já que são eles que garantem a subsistência do espaço. (Revista Cultura.RJ, Cine Santa ganha status de profissional, 2012.)

Outro método de trabalhar a economia do cinema com as relações do bairro, é na venda dos lanches, onde além da tradicional pipoca e refrigerante, na doceria o cardápio é preenchido com doces e quitutes preparados pelos moradores locais.

Em Santa Teresa, há realmente muita gente boa fazendo

atividades bacanas. A *bombonière* do cinema, o nosso grande capricho, é quase um prolongamento do bairro: tem os doces portugueses da Alba; os pães da Jurema Cândido; o brownie orgânico da Juju; os enroladinhos de goiaba da Ceça; as empanadas argentinas do Ruan. (Revista Cultura.RJ, Cine Santa ganha status de profissional, 2012.)

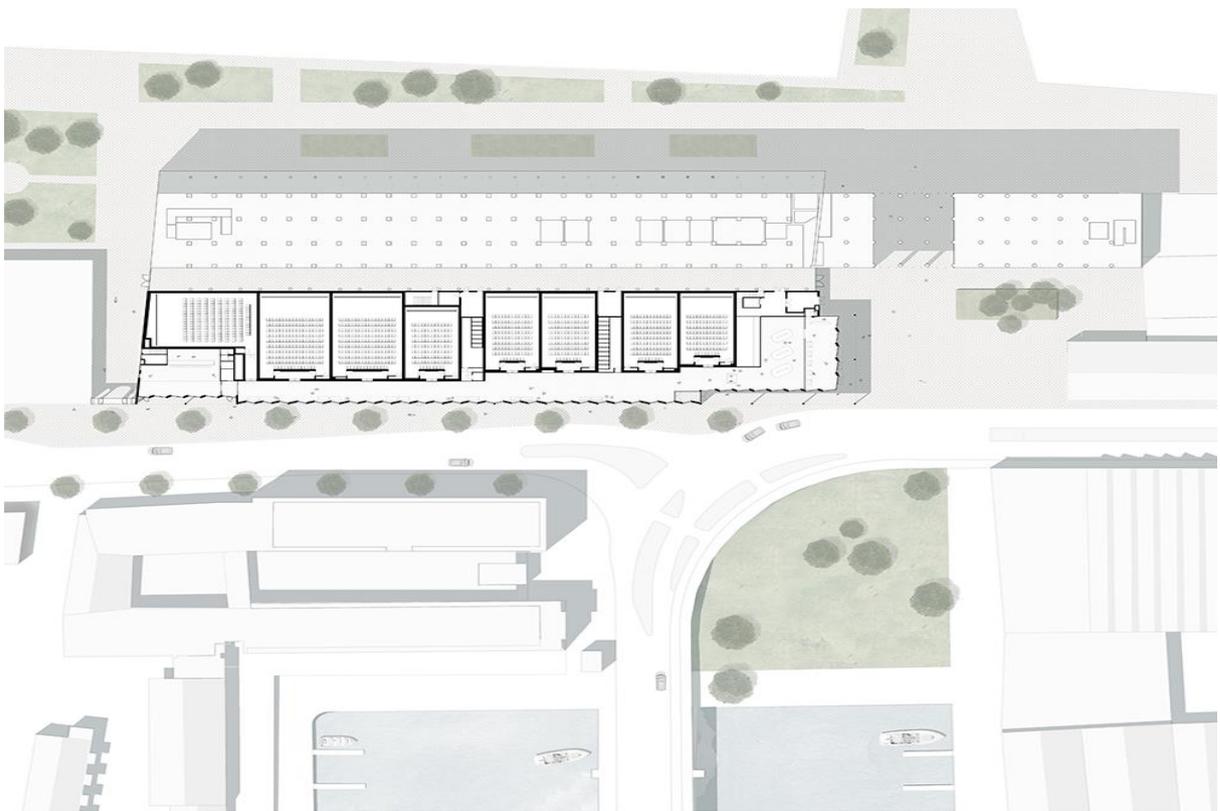
### 2.2.2 Cinemas Pathé

Os cinemas Pathé localizado ao norte do centro da cidade de Maastricht, na Holanda, faz parte de um plano de massas para revitalizar o bairro de Sphinxkwartier.

O conjunto de salas funciona como um centro cultural para essa área da cidade, com o objetivo de trazer uma nova função aos cinemas de bairro, ultrapassando o caráter de exibição e usando como espaço de interação, produção, educação e discussão cultural.



Fig. 3: Foto cinema multiplex Pathé, Maastricht, Países Baixos. (Fonte: Ronald Tilleman/Archdaily)



**Fig. 4: Implantação cinema multiplex Pathé, Maastricht, Países Baixos. (Fonte: Archdaily)**

O edifício é disposto linearmente assim como a fábrica atrás dela, estabelecendo um contraste visual a paisagem. Seu posicionamento linear transforma toda a área de circulação em uma grande rede de contatos, um espaço democrático de discussão, enquanto espera-se a sessão iniciar os usuários do cinema indiretamente são convidados a interagir em um grande corredor que liga-se à rua através da fachada.

O cinema conecta-se a um conjunto de três edifícios industriais construídos entre 1928 e 1941 para a Sphinx, fabricante de cerâmica. Ele cria um contraste com os três edifícios de fábrica atrás, com uma arquitetura moderna e interativa com a rua, mas reservando os frequentadores do cinema com conforto e silêncio.

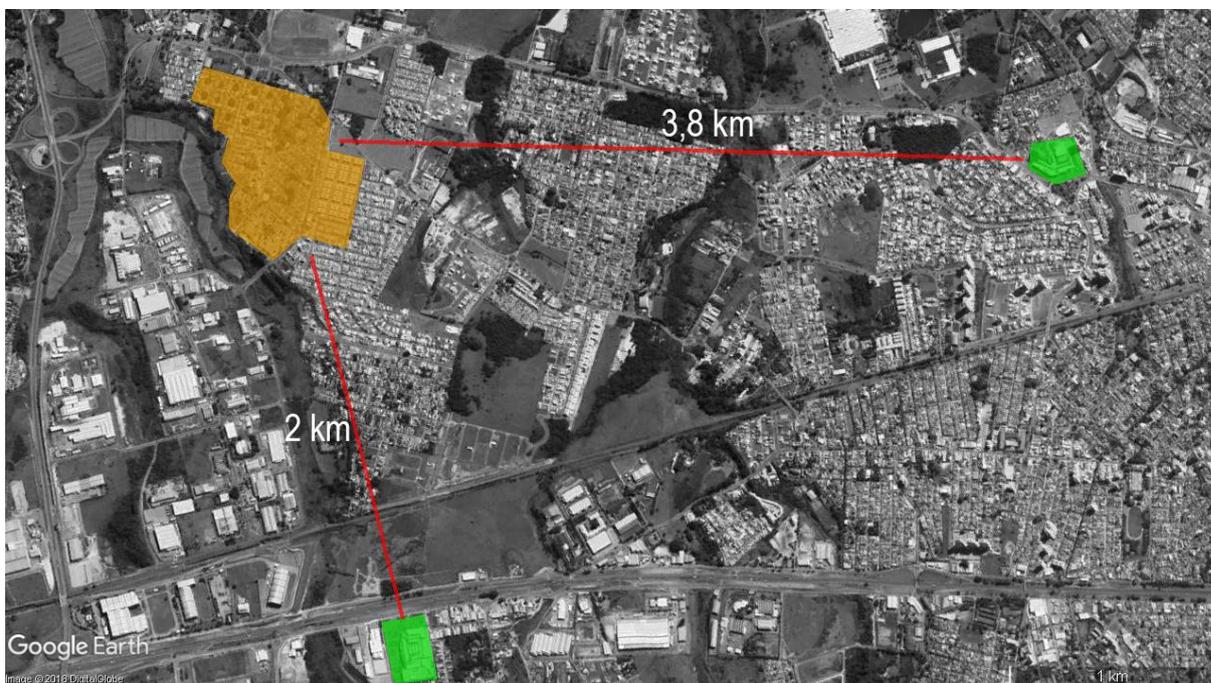
### **2.3 Área de intervenção**

Baseado na caracterização do tema e nas referências projetuais, surgem diretrizes que apontam locais mais pertinentes para um cinema de rua considerando o atual mercado de exibição no Brasil. O município onde está o foco do projeto é o município de Taubaté, devido ao fato de possuir uma história com o cinema em pessoas como

Mazzaropi e a PAM Filmes, contraditoriamente não possui qualquer festival de cinema, evento, centro de estudos, escola, faculdade ou qualquer centro de ensino sobre cinema, em uma região localizada entre dois grandes pólos cinematográficos e um dos mais importantes eixos econômicos do país, São Paulo – Rio de Janeiro.

A escolha do bairro foi delimitada por um bairro periférico, de renda per capita baixa, carente de equipamentos culturais, mas que possua equipamentos públicos como escolas e postos de saúde.

Seguindo as diretrizes, o autor escolheu o bairro do Cecap. Segundo o último censo de 2010 do IBGE, o distrito de Cecap possui uma população residente de aproximadamente 30.000 habitantes, devido a um grande crescimento populacional dos últimos vinte anos e dos diversos conjuntos habitacionais abertos recentemente pelo programa minha casa minha vida. Outro fator foi a distância do bairro em relação aos dois shoppings do município que acomodam os cinemas da cidade, ambos possuem uma distância superior a 2 quilômetros de distância do bairro.



**Fig. 5: Distância do bairro do Cecap em relação aos dois shoppings da cidade de Taubaté. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)**

Além de serem muito distantes do bairro escolhido, excluem e isolam qualquer interação com a comunidade que o cinema deveria construir, e isso o cinema de rua o

fará, concentrando os moradores e tornando a comunidade mais forte na cidade, tanto economicamente quanto socialmente.

Os shoppings centers monopolistas e os monumentais centros culturais, com o espalhamento das relações públicas, encobrem a exclusão do comércio – e também da cultura – da vida íntima e cotidiana das cidades. (JACOBS, 2000, p. 2)

## 2.4 Contexto do Bairro

O bairro do Cecap possui uma grande densidade populacional, tendo um crescimento considerável nos últimos dez anos, devido a construção de diversos conjuntos habitacionais pelo programa Minha Casa Minha Vida, alguns deles construídos nos últimos três anos.



**Fig. 6: Em laranja, os conjuntos habitacionais presentes no bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)**

O número considerável de conjuntos habitacionais e a alta densidade populacional do bairro levanta a dúvida se o bairro possui equipamentos culturais públicos ou privados disponíveis para quem reside no bairro.

A resposta é não, os únicos equipamentos públicos de entretenimento disponíveis para a população são os parques e quadras de futebol de salão, portanto, na visão do autor, uma sociedade que exige segurança e defende cegamente a meritocracia, deveria voltar seus olhos para as periferias e subúrbios de suas cidades e se questionar, se de fato existem oportunidades e opções para as classes C, D e E, que vivem à margem do restante da cidade.

No entanto, ao mesmo tempo, a alta densidade populacional e a carência de equipamentos culturais são uma boa oportunidade de negócio para um cinema de rua, afinal, há público, e esse mesmo público carece de outras formas de entretenimento, sendo, portanto, uma localização interessante para um negócio de bairro como é o cinema de rua.

Outros elementos importantes do bairro também foram levados em consideração para a leitura social da região, onde há duas escolas públicas e postos de saúde municipais.



**Fig. 7: Em azul as escolas, em roxo os postos de saúde presentes no bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)**

O bairro é cercado por três vias importantes, a Rodovia Presidente Dutra, uma das mais importantes do estado, sendo a conexão com o estado do Rio de Janeiro, a

Rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro, que liga a cidade de Taubaté ao município de Campos do Jordão, e a Avenida Carlos Pedroso da Silveira, que conecta o bairro com a Avenida Charles Schneider, uma das mais movimentadas do município e que dá acesso ao centro da cidade. No entanto, apesar da importância dessas vias para o acesso e circulação do município, suas localizações geográficas não influenciaram na escolha do terreno em relação aos outros equipamentos do município, afinal, uma das características do cinema de rua é sua relação e preocupação com a economia local.



**Fig. 8: O bairro do Cecap demarcado no mapa em laranja, entre as três vias. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)**

## 3 Projeto

### 3.1 Terreno

O terreno escolhido está localizado em uma importante avenida do bairro, a avenida João Ramalho, ponto central do bairro, com comércios, pontos de ônibus, praças, quadras esportivas e um conjunto habitacional recentemente inaugurado.



**Fig. 9:** Em vermelho, o terreno localizado no coração do bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)

Mais um fator de relevância para a escolha do terreno foi seu posicionamento geográfico e relação ao bairro do Cecap e seu vizinho, o Novo Horizonte, onde o terreno está a menos de um quilômetro de distância de grande parte dos bairros, o que estimula a circulação a pé e não torna o cinema distante do público alvo, os moradores.

O terreno escolhido atualmente é utilizado como uma praça implantada próxima a uma quadra de futebol de salão, para o autor, era necessário implantar o cinema em um espaço público para articular o uso da praça com o cinema.



**Fig. 10:** Delimitado em vermelho, o terreno escolhido, que faz parte do conjunto de praças que corta os quarteirões do bairro. (Fonte: Google Earth 2015, modificado pelo autor em junho de 2018)

Com esse terreno, o autor busca não ocupar, mas reutilizar o cinema em favor do espaço público, a praça.

### **3.2 Conceito e Implantação**

Enquanto desenvolvia o projeto, o autor propôs uma série de disposições físicas do cinema no terreno, no entanto, percebeu que o cinema ocupava grande parte do espaço público da praça, o que não parecia certo. O conceito do projeto era que, o cinema de rua deveria estimular e dialogar com sua inserção urbana, ou impactar minimamente seu espaço físico.

Então, surgiu a ideia de implantar o cinema próximo a quadra de futebol e abaixo do nível do solo, parcialmente exposto, a “casca” do cinema dá forma a uma arquibancada para a quadra, ao mesmo tempo ocupa menos espaço da praça.

Os banheiros foram colocados totalmente expostos, na parte superior do cinema, onde possa ser usado de forma livre e pública.

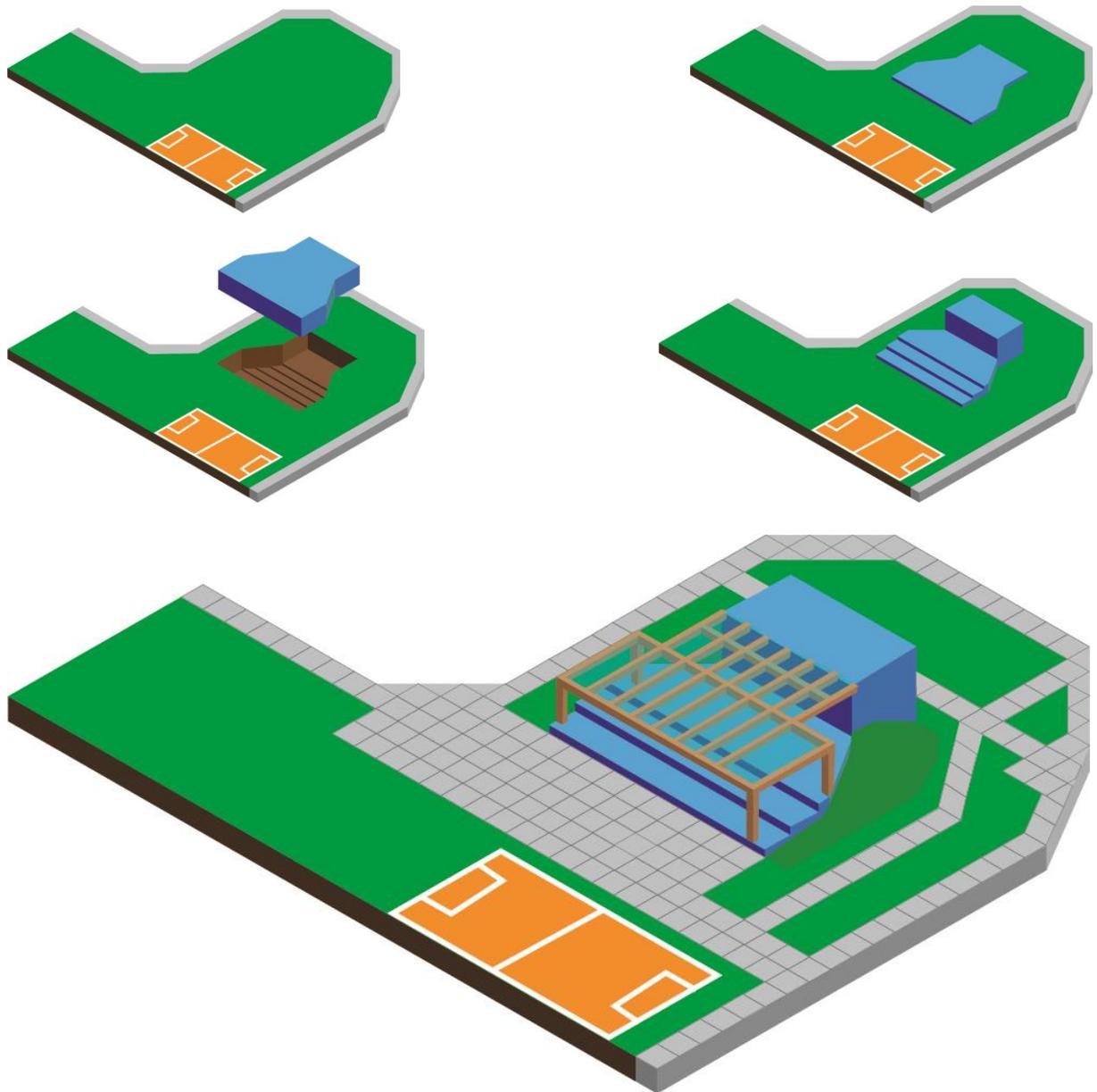


Fig. 11: Diagrama ilustrativo da implantação do projeto no terreno.

## 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo S.; BUTCHER, Pedro. **Cinema, desenvolvimento e mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

ANCINE. **Informe de acompanhamento de mercado**. 2015.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O GLOBO. **Cinemas terão digitalização financiada em troca de filmes nacionais**.

Acessado pelo autor no dia 28/05/2017, disponível em:  
<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/cinemas-terao-digitalizacao-financiada-em-troca-de-filmes-nacionais-555689.html>

REVISTA CULTURA.RJ. **Cine Santa ganha status de cinema profissional**.

Acessado no dia 14/05/2017, Disponível em:  
<http://www.cultura.rj.gov.br/materias/cine-santa-ganha-status-de-cinema-profissional>

RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTORO, Paula Freire. **A relação da sala de cinema com o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita**. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, v.11, 2013.

SIMÕES, Inimá Ferreira. **Salas de Cinema em São Paulo**. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1990.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Trad. Ricardo Ferreira Henrique (do original: Der Stadtebau nach seinen kunstlerischen Grundsätzen. 4ªed., 1909. Primeira Edição: 1889). São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOUSA, Márcia C.S. (Márcia Bessa). **Entre achados e perdidos: Colecionando memórias dos cinemas de rua da cidade do Rio de Janeiro: Tese de doutorado em Memória Social**. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPGMS, 2013.

ZERO HORA. **Digitalização do cinema deve por fim a circulação de grandes**

**lançamentos em película ainda em 2014.** Disponível em:  
xhttp://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/01/digitalizacao-do-cinema-d  
eve-por-fim-a-circulacao-de-grandes-lancamentos-em-pelicula-ainda-em-2014-43989  
22.html